

PROJETO GUIGNARD

Clélia Passos é professora aposentada do ensino médio e moradora em Ouro Preto. Entrevista realizada no dia 7 de março de 2003, em sua residência.

Gélcio: Clélia, como você conheceu Guignard?

Clélia: Por volta de 1960-61, Ouro Preto era uma cidade onde circulavam muitos artistas. Lembro-me do paulista Takaoka e, depois, de Guignard. Na época eu estudava na Escola Normal, no Antônio Dias, a gente passava diariamente na porta da casa em que morava e tinha aquela curiosidade de observar suas pinturas. Guignard nos convidou para entrar, ficamos interessadas, mas receosas, porque nosso pai era muito severo. Certo dia tomamos coragem e fomos, eu e minha irmã, Dôra. Ele mostrou-se muito gentil e amigo. Era tão amável que, depois da aula, vinha nos trazer em casa. Eu me lembro que tínhamos medo do nosso pai ver e então passamos pela Rua São José e viemos pelo Rosário, evitando a Rua Bernardo Guimarães, a nossa rua. Passamos pela rua que fica atrás da igreja do Rosário, de onde olhamos para a nossa casa, para nos certificarmos que não havia ninguém na porta. Ficamos algum tempo tomando aulas. A gente desenhava com aquele lápis de ponta seca, lápis duro. Ele tinha influência européia, francesa, estimulava muito o desenho. No ano seguinte fui para Belo Horizonte cursar Pedagogia e acabei me desligando. Guignard morava na casa de Pedro Aleixo. Na época ele nos falou que estava procurando um modelo para pintar a *Marília de Dirceu*. Sempre falava do seu desejo de se fixar em Ouro Preto. Era uma figura muito bondosa. Eu me lembro também que, após a aula, ele vinha para o Rosário, para a casa do Dr. Calais. Ele era amigo da família, das suas filhas e gostava muito de conversar com as moças.

Gélcio: O que foi marcante para você nesse contato com Guignard, como artista e como professor?

Clélia: O que ficou é que a gente deve sempre buscar na natureza a nossa fonte de inspiração...

Gélcio: E o movimento de Ouro Preto no início dos anos 1960?

Clélia: Com relação à arte, não tinha ainda uma escola. Eu aprendi na rua. Mais tarde freqüentei a FAOP, com Nello Nuno e, posteriormente, fui para o Rio de Janeiro cursar a Escolinha de Arte do Augusto Rodrigues.

Gélcio: Como é que a cidade via Guignard?

Clélia: Ele tinha fama de boêmio, bebia, se misturava aos estudantes e às pessoas mais abertas da cidade.

Gélcio: A sua família tem alguma obra dele?

Clélia: Livros, que ele nos emprestou na época.

Gélcio: Como você vê a obra dele?

Clélia: Acho que é uma obra poética, doce, bem leve. Parece que ele está brincando com o pincel, com as cores. Uma pintura muito bonita, representativa para Minas e para o Brasil. E guardo a lembrança de Guignard aqui no Rosário, com uma blusa vermelhinho, era um homem muito alto. Uma pessoa simples, um marco na vida da gente, uma ajuda fundamental na nossa iniciação artística.

Nota: Posterior a esta entrevista a família doou ao Museu Casa Guignard um livro sobre a obra de Leonardo da Vinci, pertencente a Guignard e onde ele fez algumas anotações sobre as obras reproduzidas ali.